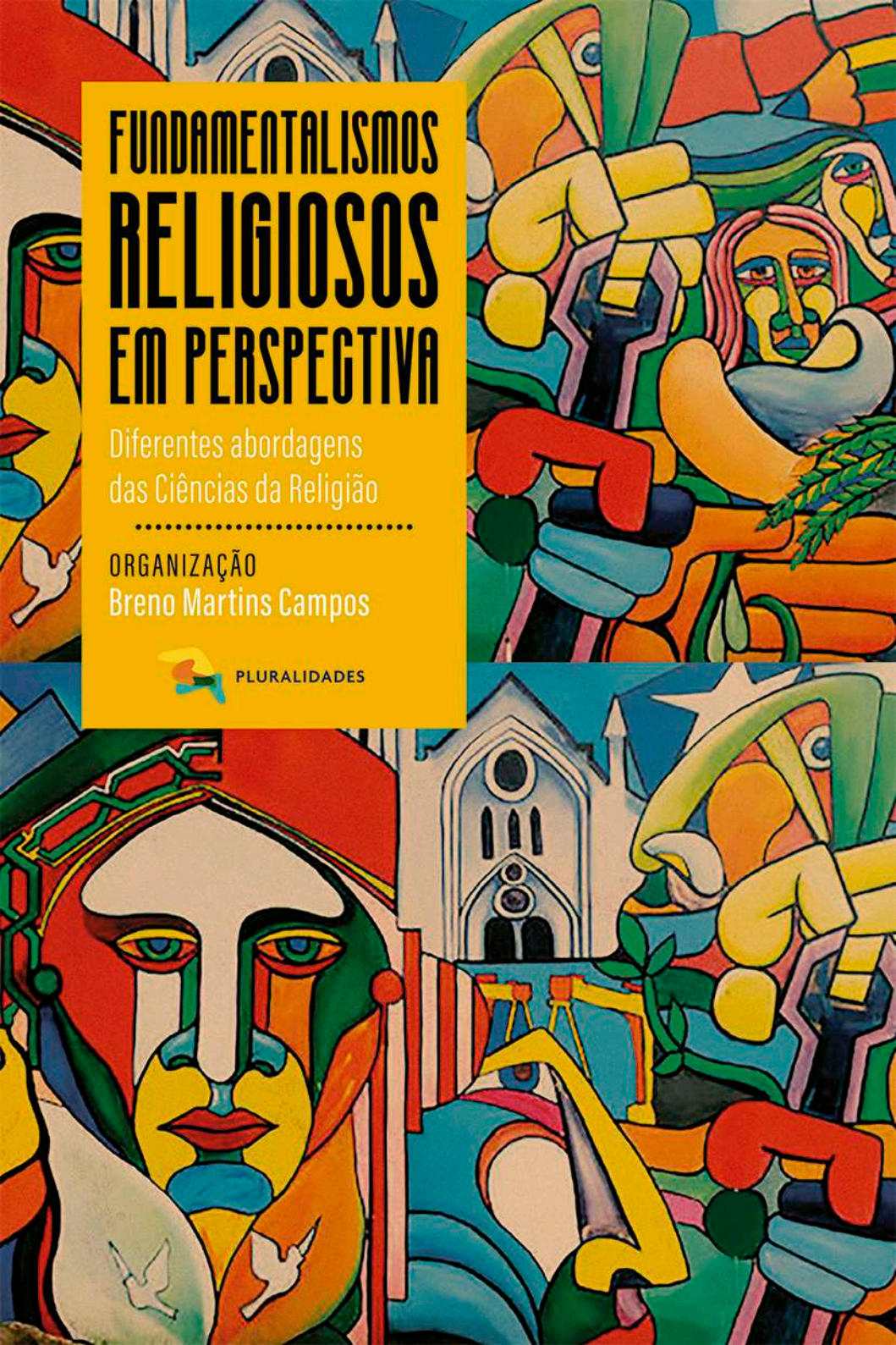


The background is a vibrant, abstract collage. It features a large, stylized face in the lower-left quadrant with yellow skin, blue eyes, and a red mouth. To the right, there's a depiction of a religious figure, possibly Jesus, with long hair and a beard, holding a staff or scepter. The top right shows a hand holding a bunch of grapes. The bottom right features a white Gothic-style church with multiple arched windows. The entire composition is made of bold, colorful shapes and lines in shades of red, yellow, green, blue, and white.

FUNDAMENTALISMOS RELIGIOSOS EM PERSPECTIVA

Diferentes abordagens
das Ciências da Religião

.....

ORGANIZAÇÃO
Breno Martins Campos



PLURALIDADES

FUNDAMENTALISMOS RELIGIOSOS EM PERSPECTIVA

Diferentes abordagens
das Ciências da Religião

ORGANIZAÇÃO
Breno Martins Campos

São Paulo, 2022.



PLURALIDADES

Copyright © Editora Pluralidades, 2022.

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei nº 9.610, de 19/02/1998.

É expressamente proibida a reprodução total ou parcial deste livro, por quaisquer meios (eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação e outros), sem prévia autorização, por escrito, da editora.

Direção Geral:

Iago Freitas Gonçalves

Equipe editorial:

André Yuri Abijaudi

Danilo Mendes

Flávio Santana

Iago Freitas Gonçalves

Revisão e preparação de texto:

André Yuri Abijaudi

Flávio Santana

Marcelo Hime Funari

Ilustração de capa:

Mural, Ormeau Park, Belfast / © Albert Bridge

Projeto de capa, diagramação e projeto gráfico:

Talita Almeida

Conselho Editorial:

Dr. Alonso Gonçalves (FTSA)

Dr. David Mesquiati (Unida-ES)

Dr. Jonathan Menezes (FTSA-PR)

Dra. Marina Correa (UFS)

Dr. Edin Sued Abumanssur (PUC/SP)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C198f CAMPOS, Breno Martins.

Fundamentalismos religiosos em perspectiva: diferentes abordagens das Ciências Religião / Breno Martins Campos.
São Paulo: Editora Pluralidades, 2022.

154 p. 21 cm.

Inclui bibliografia

ISBN: 978-65-89465-48-5

1. Fundamentalismos 2. Religião e Política 3. Conservadorismo
4. Política Latino-americana

I. Título

CDD: 266

Sumário

PREFÁCIO O fundamentalismo religioso e sua plasticidade militante <i>Douglas Ferreira Barros</i>	5
APRESENTAÇÃO Conversas em torno dos fundamentalismos em nosso entorno <i>Breno Martins Campos</i>	11
CAPÍTULO 1 Missionários protestantes no Brasil do século XIX: o que de fundamentalista havia nesse movimento? <i>Giovanna Frascati</i>	21
CAPÍTULO 2 Relativismo, fundamentalismo e pretensão de verdade no cristianismo <i>Rafael Beck Ferreira</i>	37
CAPÍTULO 3 O que (não) há de fundamentalista no <i>Dunamis Movement</i> <i>Helen Teixeira Sousa de Abreu</i>	53
CAPÍTULO 4 Adaptação e contingência: o fundamentalismo na Igreja Universal do Reino de Deus <i>Marcelo Silva de Barros</i>	69
CAPÍTULO 5 “Boy Erased: uma verdade anulada”: sexualidade e fundamentalismo religioso <i>Fernando César Buttignol</i>	87

CAPÍTULO 6 Fundamentalismo e suas interpretações: violência metafísica no pensamento de Gianni Vattimo <i>Irineu José Bottoni</i>	107
CAPÍTULO 7 Ecumenismo e diálogo inter-religioso na <i>Fratelli Tutti</i> : oposição ao fundamentalismo <i>André Luiz Rossi</i>	131
POSFÁCIO <i>Ceci Baptista Mariani</i>	147
Sobre as autoras e os autores	151

O fundamentalismo religioso e sua plasticidade militante

O fundamentalismo religioso contemporâneo é reconhecido, entre outros aspectos, pelo seu teor restritivo, inflexível, inconciliável. A vertente que dá origem ao conceito nasce do protestantismo norte-americano, no início do século XX, e orienta-se pelas teses da inerrância e da infalibilidade dos textos bíblicos originais. A interpretação literal da Bíblia foi e continua sendo o eixo de sustentação de sua posição no interior do próprio protestantismo, o ponto a partir do qual essa posição se distingue das demais denominações, grupos e igrejas que compõem o universo do cristianismo mundo afora.

São muitas as variantes do fundamentalismo contemporâneo e o livro *Fundamentalismos religiosos em perspectiva* chega em ótima hora para jogar luz sobre as suas novas faces. O exercício de compreender as novas versões torna imprescindível que se observem aspectos desse fenômeno em amplo espectro, desde seu aparecimento, percorrendo-se as versões do passado e as suas variantes no presente. Por aí se vê como o conceito não se presta às definições rígidas, unívocas. Novas linhas de interpretação precisam ser erguidas a fim de que possamos vislumbrar os seus contornos.

Mais amplo do que a orientação do protestantismo norte-americano na qual teve origem, o fundamentalismo adquire, 100 anos depois, uma plasticidade que não envolve apenas a dimensão tradicionalista do cristianismo. As novas versões ultrapassam a seara do cristianismo e sua característica de estar limitada a um grupo, a uma experiência puritana e literalista, e se projetam para o espaço público. O fundamentalismo hoje se constitui de posições que se lançam no jogo político e se apresentam nas instituições seculares, outrora consideradas secularizadas. Como tal, é um fenômeno político-religioso de traços ao mesmo tempo críticos e reformadores, inconformistas e atuantes.

Ao considerarmos os elementos que permaneceram e ainda sustentam a sua vertebralidade, dois merecem ser destacados, uma vez que são objeto de interesse dos textos ora apresentados. Primeiro: a característica de ser um posicionamento reativo. O fundamentalismo, antes de ser um movimento que se lança para fora dos limites do protestantismo, constituiu-se como uma reação contra um certo modo de ser cristão e de compreender a relação entre o texto bíblico e o cristianismo experimentado pelos cristãos no mundo. A face reativa do fundamentalismo original mirava sobretudo as experiências que propunham certa renovação no protestantismo e adaptações aos novos tempos das megalópoles, que abraçavam o modernismo e as sedução do capitalismo individualista nos EUA do início do século XX. As novas experiências urbanas afetaram de modo definitivo padrões de moral, valores e princípios outrora considerados pilares irremovíveis da doutrina cristã. Como reação, o fundamentalismo original protestante pretendeu um retorno àquelas reinterpretadas formas e modos de ser originais do cristianismo bíblico e buscou, a partir deles, se apresentar como a religião que enfrentaria as ameaças num mundo cada vez menos temente a Deus.

A reação se projetou, contudo, para além das fronteiras do protestantismo, e o fundamentalismo protestante passou a se exprimir com mais ênfase e visibilidade em sua segunda face: a restauração. O elemento restauracionista dos posicionamentos fundamentalistas contemporâneos se exprime na oposição reativa aos modos de ser e de viver daqueles religiosos não alinhados e dos não religiosos. Também, a iniciativa de restaurar incorpora, para além da simples reatividade, uma intenção ativa, pela qual o fundamentalismo manifesta as intenções de mudança e de reformulação em favor de restabelecer aquelas formas entendidas como verdadeiras e inalteráveis.

Reação e restauração têm se completado nas expressões mais amplas do fundamentalismo contemporâneo, e é muito importante que vários dos textos apresentados no livro denotem tanto a intenção reativa quanto essa ativa. Encontramos aqueles que retomam aspectos históricos, que mostram a sua chegada ao Brasil não apenas pela mão dos cristãos protestantes norte-americanos. Vale notar que a retomada do debate público acerca da verdade aliada da denúncia do relativismo mantém linhas de conexão com expressões do passado por meio das quais o fundamentalismo denunciava as heresias. Nessas manifestações, o fenômeno se expressa em âmbitos não protestantes, inclusive confrontando visões de mundo além do cristianismo.

As manifestações contemporâneas do fundamentalismo ativo, em âmbitos além do protestantismo puritano e do próprio cristianismo, têm mostrado que lhe interessam não somente uma reforma religiosa, o retorno às origens, a restauração literal dos princípios cristãos registrados nos textos bíblicos. Ele se expressa mais visivelmente tanto por oposição a religiões e modos de vida não alinhados aos princípios que consideram imutáveis, quanto na atuação de defesa de uma verdade nos ambientes não reli-

giosos ocupados por homens e mulheres que não compartilham dessa mesma visão de mundo e de cristianismo.

A razão por que as manifestações do fundamentalismo podem, a nosso ver, ser identificadas tanto ao reacionarismo quanto ao restauracionismo se explica pelos atos que se projetam a fim de corrigir os modos de vida vistos como ameaça e deturpação dos princípios cristãos originais. Na relação com os grupos e contextos não fundamentalistas e não religiosos, a confrontação que visa a transformação – o discurso em favor da reparação dos meios não cristãos – é uma característica desse empenho ativo.

A projeção dos fundamentalismos sobre instituições da sociedade – escola, poderes públicos, instituições do Estado, religiões não cristãs etc. – visando sua reparação tem denotado mais claramente o viés político ativo e ativista desse empenho. Estudiosos mencionados nos capítulos a seguir têm assumido que a afirmação pública do fundamentalismo se coloca como uma guerra pelos princípios da eternidade. A agenda de reformas é apresentada como solução ao que avaliam ser declínio moral, religioso, social, entre outros.

Em vez de falar para os seus, a comunidade dos cristãos adeptos dos preceitos fundamentais e literalistas, as novas expressões do fundamentalismo se dirigem àqueles que se encontrariam imersos na decadência, propondo a sua transformação, postulando o restabelecimento das formas tradicionais de instrução das crianças, de estruturação da família, de ensinamento dos valores morais e, em sentido mais amplo, uma reforma social e política respeitando hierarquias e princípios rejeitados pela modernidade secularizada.

Uma trilha epistêmica valiosa adotada pelo livro é a admissão dos fundamentalismos em detrimento da busca de uma defi-

nição restrita. Essa versatilidade, ao mesmo tempo estruturada por uma mesma vertebralidade rígida – conceitos, literalismo na interpretação dos textos bíblicos, defesa irrestrita das tradições, condenação das interpretações atualizadoras dos preceitos religiosos, entre outros fatores –, temos chamado de “plasticidade militante”. É um fenômeno que se imiscui nesse quadrante da história, no Brasil e além, por sua inserção na mídia, nas instituições religiosas, e se projeta para a confrontação daquelas não orientadas por quaisquer preceitos bíblicos. Manifesta-se em núcleos do catolicismo defensor do clericalismo e do tradicionalismo da Igreja, expande-se nos demais monoteísmos judaico e islâmico, sempre reafirmando a prevalência de rígidos princípios do passado religioso sobre as intenções de diálogo entre religião e mundo, religiosos e outras visões de mundo, experiências de vida, modos de inserção social e política seculares e não religiosos.

A plasticidade militante do fundamentalismo contemporâneo se apresenta como um problema aos estudiosos das religiões. Seja por sua pretensão reativa, que mantém os olhos fixos para os núcleos religiosos de origem – cristãos, judeus ou islâmicos –, seja por suas faces ativas, quando se projeta por diferentes modos e versões, com intenções de correção e reforma, alinhados no mais das vezes a diferentes interpretações dos mesmos textos bíblicos ou canônicos.

Mais do que um recenseamento do fundamentalismo o empenho dos pesquisadores do livro se dá no sentido de mostrar linhagens que estruturam a sua vertebralidade perene. É uma valiosa contribuição aos estudos de religião e um trabalho de pesquisa primoroso de seu coordenador, o professor Breno Martins Campos, que avança pela área da(s) Ciência(s) da(s) Religião(ões) tratando o fundamentalismo para além da verificação de suas matrizes protestantes e da busca exaustiva de uma

definição limítrofe do conceito. Trata-se de abrir o fenômeno para que o pensemos a partir de suas diversas faces e linhagens. Pela investigação, aprendemos que a coisa – o fundamentalismo – transbordou para muito além de seu conceito de origem, há 100 anos. Estão convidados os pesquisadores e interessados à leitura dos textos que se impuseram o desafio, mais um, de repensar algumas das novas formas e faces que esse fenômeno adquire neste conturbado momento da história brasileira e mundial, os anos 20 do século XXI.

Douglas Ferreira Barros

São Paulo, assistindo ao belíssimo pôr do sol de inverno,
20 jul. 2022.

APRESENTAÇÃO

Conversas em torno dos fundamentalismos em nosso entorno

Breno Martins Campos

Precisamos falar de fundamentalismos e fundamentalistas antes que eles nos calem – (ou falem por nós como porta-vozes de nossas vontades e desejos). Também devemos dar atenção às múltiplas correlações estabelecidas entre os reacionarismos religiosos e políticos no mundo e no Brasil, que cada vez mais ganham terreno e se avizinham ou já chegaram, de fato, a nós.

No vocabulário da política, segundo Giorgio Bianchi, o termo “reação” indica, de modo amplo, “todo comportamento coletivo que, opondo-se a um determinado processo evolutivo em ato na sociedade, tenta fazer regredir essa sociedade para estádios que aquela evolução tinha ultrapassado”¹. De forma restrita, prossegue Bianchi, são reacionários os “comportamentos que visam inverter a tendência, em ato nas sociedades modernas, para uma democratização do poder político e um maior nivelamento de classe e de *status*, isto é, para aquilo que comumente é chamado de progresso social”². Nas intersecções da religião com a política, os fundamentalismos podem ser considerados um

1. BIANCHI, 1998, p. 1073.

2. BIANCHI, 1998, p. 1073.

tipo de reacionarismo – mais do que tão somente um conservadorismo – que coloca em xeque a democracia e suas conquistas.

Em face dos desafios que se nos impõem, não mais podemos nos prender (somente) a discussões semânticas da relação entre o *nome* e a *coisa* – noutros termos, daquilo que pode ser chamado rigorosamente de fundamentalismo (e de quem pode ser qualificado como fundamentalista). O debate quanto a significados e sentidos continua a ser relevante, sem dúvida, mas precisamos também falar da passagem que os fundamentalistas fazem das fronteiras do campo religioso para a arena público-política, no mundo e no Brasil. É na política que os fundamentalistas encontram o *locus* próprio das lutas por poder e dominação, tão importantes a eles em sua sanha de ganhar o mundo para além do poder religioso (que é circunscrito a um número menor de pessoas e, em consequência, menos abrangente). O pastorado religioso, hoje, não quer zelar somente por suas ovelhas, mas transformar toda a sociedade em rebanho.

Numa relação de dominação, que é “a probabilidade de encontrar obediência a uma ordem de determinado conteúdo, entre determinadas pessoas indicáveis”³, é necessário à autoridade (ou liderança) despertar e cultivar a crença em sua legitimidade. A maquinaria dos fundamentalismos opera pela crença no retorno a um passado glorioso, mesmo que idealizado ou inventado, no qual as pessoas conviviam com certezas absolutas e gozavam de garantias sólidas e seguras para a vida. “Hoje, muitas pessoas pensam que o paraíso da estabilidade e segurança está no passado. Esse é o lar pelo qual anseiam. Agora escrevem-se utopias do passado”⁴. Em meio às tantas incertezas da contemporaneidade, convenhamos, não é pouca coisa o que oferecem os fundamentalismos.

3. WEBER, 1994, p. 33.

4. BAUMAN; HAFFNER, 2021, p. 114.

Por isso é que falar de fundamentalismos é uma coisa, ao passo que outra bem diferente é falar com fundamentalistas. É pouco provável – talvez impossível – que consigamos conversar com eles, pois estão sempre prontos a doutrinar, nunca a ouvir. A suspensão de certezas para a instauração do diálogo, então, nem pensar, pois vivem numa espécie de possessão da verdade única: só ouvem sua própria voz, como numa câmara de eco. Andam os fundamentalistas na contramão do que propõe Paul Ricoeur quanto à tolerância, isto é, não entendem que possa haver verdade também no outro, não aceitam o direito que ele tem de viver segundo suas convicções, não compreendem o outro nem sua visão de mundo e, no limite, lutam para impedir a sua existência.⁵ Ao outro, cabe ser convertido, desprezado ou eliminado – o que é sempre um exercício de violência, não necessariamente física.

Pode causar espécie o fato de fundamentalistas (reacionários) ganharem cada vez mais terreno (simbólico e concreto) nos campos religioso e político, mas não é o caso, pois a compreensão do alcance e sucesso contemporâneos dos fundamentalismos deve ser encontrada justamente na ordem das consequências ou sentidos da própria modernidade. Como uma estética do existir, Júlio Paulo Tavares Zabatiero aponta que uma das fortes seduições dos fundamentalismos é oferecer um “fundamento existencial seguro – a identidade fixa, que fundamenta o sentido da vida, uma *autoridade* suprema pseudoautônoma que nos livra da liberdade de viver sem Deus e contra Deus”⁶. Por isso mesmo é que são muitas as mentes e os corpos (individuais e coletivos) que sucumbem à crença na legitimidade dos fundamentalismos na contemporaneidade.

Nunca será demais retornarmos à leitura do poema “O grande Inquisidor”, no livro *Os irmãos Karamázovi* de Fiódor

5. RICOEUR, 2000.

6. ZABATIERO, 2008, p. 19.

Dostoiévski, lembrando-nos de que, para os dogmatismos religiosos (mas também de outras espécies), “nunca houve nada mais intolerável que a liberdade para o homem e para as sociedades humanas”⁷. No poema, o Inquisidor chega a ponto de dizer ao próprio Cristo (que estava de passagem pela Terra, mais especificamente pela Espanha do século XVI): “não tens o direito de acrescentar nada ao que já disseste”⁸. Por paralelismo, notamos que fundamentalistas das *religiões de livro* também substituem o Deus do livro pelo livro de Deus, segundo a didática proposta por Claude Geffré.⁹ Com efeito, não é tarefa fácil a que estamos propondo – “conversas em torno dos fundamentalismos em nosso entorno” –, pois não sabemos ao certo de que ou de quem estamos falando se o assunto são fundamentalismos e fundamentalistas. Além disso, nem sempre sabemos com quem estamos tentando conversar, noutras palavras, desconhecemos como será recebido nosso discurso – e com que grau de rejeição.

Se vivêssemos no final do século XIX ou no início do XX, o fundamentalismo (assim mesmo, no singular) poderia ser facilmente localizado em contextos do protestantismo histórico às voltas com desafios que algumas consequências da modernidade lançaram à pureza doutrinal e ética de congregações e fiéis. Os dilemas que deram à luz o fundamentalismo protestante estavam relacionados, sobretudo, à crítica bíblica pelas ciências modernas (a chamada “alta crítica”) e, ainda, ao abalo provocado nos campos científico e religioso por Charles Darwin – ele mesmo, um cientista de tradição cristã, atormentado pelo saber que havia alcançado com a teoria da evolução das espécies por seleção natural.

7. DOSTOIÉVSKI, 1967, p. 653.

8. DOSTOIÉVSKI, 1967, p. 651.

9. GEFFRÉ, 2004.

No início do século XX, no texto “Uma dificuldade no caminho da psicanálise”, Sigmund Freud tratou o darwinismo como uma das feridas narcísicas da humanidade: “Todos sabemos que, há pouco mais de meio século, as pesquisas de Charles Darwin e seus colaboradores e precursores puseram fim a essa presunção por parte do homem”¹⁰, qual seja, a de estabelecer um abismo entre a humanidade (em posição dominante) e os animais. Em contrapartida, desde a segunda metade do século XIX, os fundamentalistas não se deixaram abater pelo darwinismo, ao contrário, reagiram contra ele e passaram a defender o criacionismo (ou a ciência da criação). Ao longo do século XX, e mesmo neste início de XXI, o fundamentalismo criacionista (com algumas variações mais recentes) vem intensificando o ataque à teoria da evolução, com um modelo de execução até mais fervoroso e unânime do que no início do movimento fundamentalista.

Na condição de reação àqueles sentidos específicos da modernidade que colocaram em xeque formas mais conservadoras e tradicionalistas do protestantismo, os primeiros fundamentalistas dignos do nome decidiram estabelecer como critério de avaliação ou aferição da fé de uma pessoa ou grupo a aceitação racional da inerrância ou infalibilidade das Escrituras. Nesse sentido, Yuval Noah Harari entende que as religiões e seus sacerdotes existem na contemporaneidade para oferecer uma interpretação criativa do livro sagrado (no caso de haver um), a fim de que posicionamentos políticos, econômicos, culturais, morais pareçam princípios religiosos eternos. “O elo que falta entre o mistério cósmico e o legislador mundano geralmente é fornecido por algum livro sagrado”¹¹. Por isso é que, de vez em quando, eu me arrisco a chamar o fundamentalismo de *a voz de um deus desnecessário*.

10. FREUD, 2006, p. 175.

11. HARARI, 2020, p. 247.

Quanto ao objeto de nossa conversa, já faz algum tempo que o conceito é dito no plural (“fundamentalismos”), o que torna o assunto ainda mais complexo. Quer dizer, os termos “fundamentalismo(s)” e “fundamentalista(s)” continuam a circular no campo religioso – não mais restritos aos círculos protestantes históricos e nem sempre (quase nunca, na verdade) como motivo ou sentimento de orgulho – e, ao mesmo tempo, extrapolaram as fronteiras das religiões e ingressaram também em outros campos, como o político (como estamos a enfatizar), mas, é claro, não somente nele. Precisamos falar de fundamentalismos e fundamentalistas, daí que tenhamos tomado a decisão de publicar este livro.

Um pouco de nossa história: no segundo semestre de 2021, em pleno contexto da pandemia de Covid-19, sem nos encontrarmos presencialmente, as autoras e os autores dos capítulos deste livro (em ordem alfabética: André Luiz Rossi, Fernando César Buttignol, Giovanna Frascati, Helen Teixeira Sousa de Abreu, Irineu José Bottoni, Marcelo Silva de Barros e Rafael Beck Ferreira) foram minhas alunas e alunos na disciplina “Fundamentalismo religioso” no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da PUC-Campinas, juntamente com Antônio Lopes da Silva Filho, Gabriel Pilon Galvani e Sorel Celeste Tavarnez, a quem agradecemos o companheirismo e a parceria, pois fizeram parte do grupo das primeiras pessoas que ouviram e comentaram os trabalhos apresentados, originalmente na forma de seminário, em sala de aula remota.

Na sequência, o texto que serviu de base para os seminários foi redigido segundo as exigências de uma monografia de final de disciplina. Como um passo a mais, a publicação que você tem em mãos é o resultado de um convite que lancei (na condição de docente e incentivador da produção de conhecimento cien-

tífico): transformar o *paper* em capítulo de livro, com vistas ao público especializado, mas, sobretudo, a todas as pessoas de fora das fronteiras da academia universitária com interesse pelo assunto de nossas conversas.

No capítulo 1, por meio da leitura atenta do jornal presbiteriano *Imprensa Evangélica* (editado na província do Rio de Janeiro de 1864 a 1892), Giovanna Frascati aborda a presença de missionários protestantes no Brasil da segunda metade do século XIX, com o objetivo de averiguar se havia ou não, desde aquela época, um teor fundamentalista no discurso do movimento protestante, que crescia cada vez mais no Brasil.

No capítulo 2, Rafael Beck Ferreira propõe o tratamento dos conceitos de relativismo e fundamentalismo no catolicismo romano, buscando refletir a respeito da dimensão dogmática da doutrina católica e sua pretensão de verdade, características que distanciam o catolicismo de uma perspectiva relativista. Em contrapartida e, ao mesmo tempo, as posturas de abertura para as ciências e a racionalidade ocidental, bem como o diálogo com elas, afastam o catolicismo de uma proposta fundamentalista de ressacralização do mundo.

No capítulo 3, Helen Teixeira Sousa de Abreu traça uma linha entre o grupo *Dunamis Movement* e as características do fundamentalismo estadunidense do século passado. Ao refletir sobre as origens pentecostais do *Dunamis*, a autora questiona de que forma o fundamentalismo e o pentecostalismo, movimentos contemporâneos que se desenvolveram de forma paralela e até concorrentes no início, passaram a se influenciar mutuamente ao longo do tempo, no mundo e no Brasil.

No capítulo 4, Marcelo Silva de Barros discute de que tipo é o fundamentalismo da Igreja Universal do Reino de Deus (IURD),

segundo a discussão dos vetores econômico, político e religioso, deixando em evidência seu aspecto contingente, ou seja, discutindo quais as mudanças conjunturais e os antagonismos são construídos pelo tipo de fundamentalismo presente na IURD.

No capítulo 5, Fernando César Buttignol analisa a relação entre religião e homossexualidade com base no livro *Boy erased: uma verdade anulada*, de Garrard Conley, focando especialmente no conceito que o autor constrói de fundamentalismo segundo o contexto religioso em que nasceu e viveu durante a juventude.

No capítulo 6, Irineu José Bottoni identifica o pensamento fundamentalista (na contemporaneidade) com o pensamento forte, conforme propõe o filósofo italiano Gianni Vattimo; “forte” no sentido de fundamentação única, de base normativa única – como uma expressão metafísica objetivista, por exemplo. Com seu *pensiero debole*, Vattimo procura enfraquecer qualquer estrutura que se imponha sem poder ser discutida.

No capítulo 7, ao analisar a carta encíclica *Fratelli tutti* do Papa Francisco, André Luiz Rossi mostra que o atual líder da Igreja Católica se opõe ao fundamentalismo religioso, por meio de uma teologia e práxis que compreendem o diálogo interreligioso e o ecumenismo como instrumentos essenciais para a busca do bem comum pela fraternidade entre todas as religiões.

Queremos agradecer às amigas e aos amigos (em ordem alfabética: Camila Braga Medina Marçal, Felipe de Queiroz Souto, Fernando Luiz do Nascimento, Lindolfo Alexandre de Souza, Magali do Nascimento Cunha, Maria Angélica de Farias Jurity Martins, Patrícia Regina Infanger Campos e Sarita dos Santos Carvalho), leitoras e leitores que fizeram uma revisão crítica dos capítulos deste livro, cujas sugestões foram devidamente obser-

vadas e acatadas (em parte ou integralmente), e só engrandeceram o conteúdo das discussões. Por óbvio, equívocos conceituais ou de outra natureza que tenham insistido em permanecer nas páginas que seguem devem ser colocados na conta dos autores e autoras dos capítulos e do organizador do livro.

Por fim, rendemos nossa gratidão ao professor Douglas Ferreira Barros e à professora Ceci Maria Costa Baptista Mariani, respectivamente, autor do prefácio e autora do posfácio deste livro.

Boa leitura!

Referências

- BAUMAN, Zygmunt; HAFFNER, Peter. *Estranho familiar: conversas sobre o mundo em que vivemos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.
- BIANCHI, Giorgio. Reação. In: BOBBIO, Norberto *et al.* *Dicionário de política*. 11. Ed. V. 2. Brasília: Ed. UnB, 1998. p. 1073-1074.
- DOSTOIÉVSKI, Fiódor M. *Os irmãos Karamázovi*. Tomo II. Rio de Janeiro: José Olympio, 1967.
- FREUD, Sigmund. Uma dificuldade no caminho da psicanálise. In: FREUD, Sigmund. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. V. XVII (1917-1919). Rio de Janeiro: Imago, 2006. p. 167-179.
- GEFFRÉ, Claude. *Crer e interpretar: a virada hermenêutica da teologia*. Petrópolis: Vozes, 2004.
- HARARI, Yuval Noah. *21 lições para o século 21*. 10. Reimp. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

- RICOEUR, Paul. Etapa atual do pensamento sobre a intolerância.
In: BARRET-DUCROCQ, Françoise (Dir.). *A intolerância*.
Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000. p. 20-23.
- WEBER, Max. *Economia e sociedade*: fundamentos da sociologia
compreensiva. 3. Ed. V. 1. Brasília: Ed. UnB, 1994.
- ZABATIERO, Júlio Paulo Tavares. Hermenêutica fundamentalista:
uma estética do interpretar. *Estudos de Religião*, São Bernardo
do Campo, v. 22, n. 35, p. 14-27, jul./dez. 2008. Disponível
em: <https://bit.ly/3lIAeAs>. Acesso em: 2 dez. 2021.

Missionários protestantes no Brasil do século XIX: o que de fundamentalista havia nesse movimento?

Giovanna Frascati

Este capítulo tem por objetivo uma discussão em torno da presença de missionários protestantes no Brasil, especificamente na segunda metade do século XIX. A intenção é averiguar se havia ou não, já nessa época, um teor fundamentalista nesse movimento protestante que crescia no Brasil. Tal estudo foi feito a partir da fonte *Imprensa Evangelica*¹² – um jornal protestante de origem presbiteriana que foi editado na província do Rio de Janeiro de 1864 a 1892.

A segunda metade do século XIX contempla muitas transformações, assim, cabe enunciar algumas das principais delas – principalmente no que tange à transição do governo imperial para o governo republicano –, que imbricaram em tensões no contexto político-religioso do período. Levando em conta que somente depois de 1824 a presença de não católicos passou a

12. Todas as citações literais desta fonte foram escritas no português atual, e não com a ortografia do século XIX, exceto a grafia do próprio título do jornal, que mantém a palavra “Evangelica” grafada sem acento. Fonte disponível no site nacional da Hemeroteca Digital (IMPRESA EVANGELICA, 1864-1892).